



“MINHA HISTÓRIA NÃO É DE TER FIM”: O FESTEJO DA ABOLIÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA

“MY STORY DOES NOT HAVE AN END”: THE CELEBRATION OF THE ABOLITION OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY DONA JUSCELINA

Elaine da Silva Sousa – UFG – Goiânia – Goiás – Brasil
elaine.sousa@discente.ufg.br

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar a relação existente entre as mulheres da Comunidade Quilombola Dona Juscelina e o Festejo da Abolição realizado anualmente no dia 13 de maio. Localizado no perímetro urbano da cidade de Muricilândia-TO, o Quilombo Dona Juscelina se encontra a 60 quilômetros da cidade de Araguaína-TO com acesso pela rodovia TO-222, presente tanto na região norte do estado do Tocantins quanto na região norte do país. A celebração que ocorre no dia 13 de maio é um evento construído pela comunidade e para a comunidade, e por estarem em um ambiente urbano, é também um evento que movimenta a cidade e desde o seu início em 1968, a organização da festa tem como protagonista a matriarca dona Juscelina, e juntamente com ela outras mulheres da comunidade. O percurso metodológico realiza-se por meio de uma pesquisa qualitativa usando de depoimento pessoal e a observação participante como instrumentos de pesquisa. O recorte espacial é a Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO, e as participantes da pesquisa são as mulheres que organizam o Festejo da Abolição. A partir dessa pesquisa é possível compreender a relação existente entre as mulheres protagonistas da comunidade e a realização do festejo, percebendo o lugar/local que a mulher ocupa nesse espaço social.

Palavras-chave: Festejo; Quilombo; Mulheres Quilombolas; Muricilândia-TO.

ABSTRACT

This research aims to present the existing relationship between the women of the Quilombola Community Dona Juscelina and the *Festejo da Abolição* held annually on May 13th. Located in the urban perimeter of the city of Muricilândia-TO, Quilombo Dona Juscelina is located 60 kilometers from the city of Araguaína-TO with access via the TO-222 highway, present both in the northern region of the state of Tocantins and in the northern region of the country. The celebration that takes place on May 13 is an event built by the community and for the community, and because they are in an urban environment, it is also an event that moves the city and since its beginnings in 1968, the organization of the party has the matriarch Dona Juscelina as protagonist, and along with her other women of the community. The methodological course is carried out through a qualitative research using personal testimony and participant observation as research instruments. The spatial clipping is the Quilombola Community Dona Juscelina in Muricilândia-TO, and the research participants are the women who organize the *Festejo da Abolição*. From this research it is

possible to understand the relationship between the female protagonists of the community and the celebration, realizing the place that the woman occupies in this social space.

Keywords: Celebration; Quilombo; Quilombola Women; Muricilândia-TO.

INTRODUÇÃO

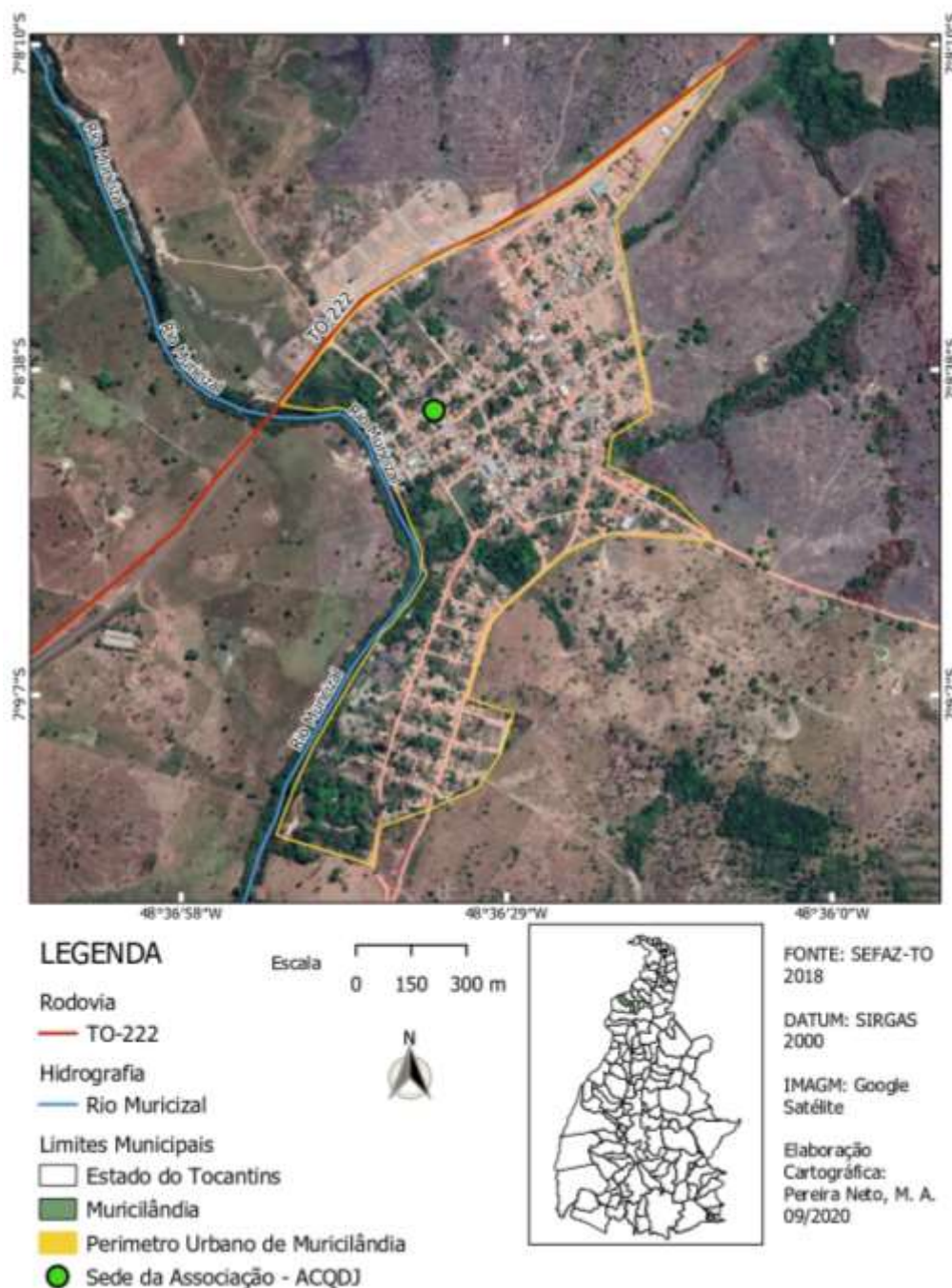
O Festejo da Abolição é realizado no mês de maio na Comunidade Quilombola Dona Juscelina tendo como maior protagonista a matriarca Lucelina Gomes dos Santos, cujo nome social é Juscelina. Esta é natural da cidade de Nova Iorque, no Maranhão, chegando a Murici da Velha (nome recebido em referência ao Morro da Velha do atual município de Aragominas-TO, cidade vizinha) no dia 02 de outubro de 1962, onde encontra nas margens do rio Muricizal alguns moradores e junto deles, manifestações culturais referente ao festejo da igreja católica realizado no mês de setembro e a dança do lindô.

Sendo mulher, negra, nordestina, neta de escravizada, dona Juscelina carrega consigo a resistência para sua existência. O Festejo da Abolição é um destes momentos de celebração pela liberdade que foi passado de uma geração para a outra. A celebração que ocorre no dia 13 de maio é um evento construído pela comunidade e para a comunidade, e por estarem em um ambiente urbano, é também um evento que movimenta a cidade de Muricilândia-TO sendo um marco no calendário cultural e também o principal rito que possibilitou a certificação da comunidade como remanescentes de quilombolas pela Fundação Cultural Palmares no ano de 2010.

A programação conta com a realização do Seminário de Cultura Afro-Brasileira e Quilombola com parcerias entre a comunidade, a prefeitura municipal e instituições de ensino básico e superior, dentre outras. No dia 13 de maio, celebra-se a assinatura da Lei Áurea com o Teatro da Abolição que é realizado a céu aberto por volta das 16 horas da tarde em frente à casa da matriarca e sede da associação da comunidade (Mapa 1). É nesse contexto, que dona Juscelina como protagonista desse espaço, detentora de suas memórias juntamente com outras mulheres organizam o tão esperado dia. É um momento muito aguardado por todas e todos durante todo o ano, sendo o quilombo um espaço de constante movimentação no que rege a organização para esta data.

Dentro de uma sociedade patriarcal, a organização social que conduz a comunidade revela outra forma de ser e estar no espaço.

Mapa 1 - Localização da sede da Associação da Com. Quilombola Dona Juscelina



Fonte: SEFAZ/TO. Organização: Pereira Neto, M. A. (2020).

Percebemos que a cidade de Muricilândia-TO é um lugar no qual a Comunidade Quilombola Dona Juscelina expressa-se pelas manifestações da sua identidade,

afirmando a todo momento suas territorialidades, suas simbologias e, dessa forma, a própria cidade é um símbolo desta comunidade. Espaço que abriga o moderno e o tradicional, o homem e a mulher, a memória e a identidade, a trajetória e o território, o quilombola e o não quilombola.

O percurso metodológico realiza-se por meio de uma pesquisa qualitativa usando de depoimento pessoal e observação participante como instrumentos de pesquisa. O recorte espacial é a Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO, e as participantes da pesquisa são as mulheres que organizam o Festejo da Abolição que é realizado no dia 13 de maio tendo como maior protagonista a matriarca dona Juscelina.

Nesse sentido, depois de apresentado o caminho pela qual essa pesquisa se construiu, o tópico seguinte refere-se ao processo de construção do espaço, do lugar e do território da Comunidade Quilombola Dona Juscelina a partir do trajeto e da memória feminina.

TRAJETOS FEMININOS E TERRITORIAIS

No ano de 1962, Lucelina Gomes dos Santos chegou ao município de Muricilândia-TO com sua família por meio de uma trajetória iniciada em “Nova Iorque-MA e Pastos Bons-MA passando por Cristalândia-TO, Araguaína-TO e enfim ao Murici da Velha (Muricilândia-TO)” como afirma a geógrafa Izarete da Silva de Oliveira (2018, p. 37) na sua dissertação sobre a comunidade, intitulada “Território e Territorialidade nos Limites do Rural e Urbano, na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO”. Nessa década, essa região era conhecida como “norte goiano” uma vez que tudo ainda era o estado de Goiás. Somente em 1988 é criado o estado do Tocantins (BRASIL, 1988). Atualmente, esse local está presente na região norte do Tocantins.

Encontrar um espaço, construir um lugar e estar em seu território são condições para que uma comunidade cresça e se fortaleça. É nas margens do rio Muricizal que dona Juscelina encontra esse espaço para que sua família e os que ali já estavam construam um lugar e formem seu território.

Na construção desta nova e necessária realidade, novos saberes são construídos e compartilhados. Todas as características são ressignificadas e nesse desejo, o grupo se organiza e reorganiza de acordo com suas necessidades em face daquilo que foi alcançado. Nesse caso, um espaço às margens do rio Muricizal em Muricilândia-TO que permite, segundo a filósofa Simone Weil (1996), um enraizamento. A autora comenta que:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivo certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro (WEIL, 1996, p. 411).

As possibilidades estão presentes nesse novo lugar que também se torna território e propicia uma construção que se faz a partir dos saberes das gerações passadas dando seguimento às gerações futuras. Nesse sentido, o território para o geógrafo Marcos Aurélio Saquet (2007, p. 34) “é um lugar de relações a partir da apropriação e produção do espaço geográfico, com uso de energia e informação, assumindo, desta maneira, um *novo* significado [...]”.

Assim, o território permite a formação e construção da Comunidade Quilombola Dona Juscelina. Para o geógrafo Joël Bonnemaïson (2000):

O território nasce de pontos e marcas sobre o solo: ao seu redor se ordena o meio de vida e se enraíza o grupo social, enquanto que em sua periferia, e de maneira viável, o território se atenua progressivamente em espaço secundário, de contornos mais ou menos nítidos (p. 128).

Nesta perspectiva, as marcas que estão sobre o solo das margens do rio Muricizal fazem referência à ancestralidade herdada por dona Juscelina ainda no Maranhão de seu tio Claro Preto do Saco - Saco era o nome de uma serra no estado do Piauí onde ele morava segundo a geógrafa Katiane da Silva Santos (2018) que realizou sua pesquisa de mestrado na comunidade, intitulada “Do Passado ao Presente: A Festa 13 de Maio da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO” - compreendendo que, como aponta Weil (1996):

Seria não voltar as costas ao passado para só pensar no futuro. É uma ilusão perigosa acreditar que haja aí uma possibilidade. A oposição entre futuro e o passado é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que,

para construí-lo, devemos dar-lhe tudo, dar-lhe nossa própria vida. Mas para dar é preciso ter, e não temos outra vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. **De todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o passado** (p. 418, grifo nosso).

Os pontos e marcas que estão sobre o solo referenciam a ancestralidade negra desse grupo, dessa comunidade. A retomada ao passado permite que o futuro seja conquistado e vivido em um território, construindo territorialidades a partir de suas simbologias. O geógrafo Rogerio Haesbaert (1997) aponta que:

O território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva (p. 41).

A dimensão afetiva e simbólica que a Comunidade Quilombola Dona Juscelina reorganiza permite a criação de novas espacialidades e territorialidades a partir de elementos culturais. Uma identidade cultural foi formada. Para o geógrafo Paul Claval (2001, p. 142) “a cultura é o conjunto de representações sobre as quais repousa a transmissão, de uma geração a outra ou entre parceiros da mesma idade, das sensibilidades, idéias e normas”.

Nessa amplitude de conhecimentos que é transmitida de geração a geração, incube-se a necessidade da preservação de uma identidade. Para a historiadora Geilza da Silva Santos (2017):

A identidade é marcada pela representação dos símbolos e assim a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações em seu interior. [...] Essas representações perpassam o sentimento de pertencimento ao território, tendo em vista que o sentimento a determinada terra é a maneira de expressar a identidade, construída através da confrontação de grupos (p. 3).

Nesta compreensão, Haesbaert (1999, p. 78) considera que “a identidade social é também uma identidade territorial, quando o referente simbólico central da construção dessa identidade parte ou transpassa o território”.

Sendo assim, concordamos com Bonnemaion (2002) que o território tem uma função tanto social quanto simbólica. Toda expressão de territorialidade que um grupo vivencia está constituída pela soma de valores religiosos e morais que produzem uma cultura a partir de sua

organização. Construção essa que pode e deve ser observada na Comunidade Quilombola Dona Juscelina. Bonnemaïson (2002) enfatiza que:

Assim como o espaço cultural é uma realidade histórica, ele é uma realidade inscrita na terra pela soma de seus territórios. Espaço vivido por meio de certa visão e sensibilidade cultural, o território se constrói, ao mesmo tempo, como um sistema e um símbolo. (p. 290-291).

E dentro dessa estruturação do território, temos o enraizamento do quilombo numa construção cultural que remete ao passado através da herança familiar de dona Juscelina que foi repassada de geração para geração. Uma história vivida e revivida anualmente que mantém sua ancestralidade perpetuando na atualidade. No tópico seguinte, compreendemos como essa construção territorial cultural quilombola e feminina se re-configura no meio social.

RAÇA E GÊNERO NA CONSTRUÇÃO CULTURAL DO QUILOMBO

É difícil encontrar relatos da história de vida de uma mulher, mas não quer dizer que não exista. É difícil encontrar relatos da trajetória de uma mulher negra, mas não quer dizer que não exista. É difícil encontrar relatos da vivência de uma mulher negra e romeira, mas não quer dizer que não exista. É difícil encontrar relatos do protagonismo de uma mulher negra, romeira e quilombola, mas não quer dizer que não exista.

Os relatos da história de vida, da trajetória, da vivência e do protagonismo que compõem essa pesquisa se fazem a partir da mulher negra romeira e quilombola da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, do município de Muricilândia-TO. Dentro dos vários territórios que elas ocupam e são protagonistas assim como nesta pesquisa, elas existem e reexistem.

A resistência é um dos pontos indispensáveis para que as mulheres negras e quilombolas permaneçam no universo no qual estão inseridas. A geógrafa Raimunda Patrícia Gemaque da Silva (2016) destaca que:

São os espaços do cotidiano – tão complexos – que a mulher negra e a quilombola presenciam e vivenciam os diferentes tipos e formas de opressão e de relações desiguais que são forjados pelas contradições de um sistema vigente intensificador e potencializador que permeia o universo em que estão inseridas (p. 35).

O espaço cotidiano dessas mulheres é a comunidade quilombola, a cidade de Muricilândia-TO, o norte do estado do Tocantins, a região norte do país. São nesses espaços, públicos e privados, de acordo com a filósofa política Susan Moller Okin (2008) que elas trilham seus caminhos e enfrentam suas batalhas contra a sociedade patriarcal e racista. Nesta compreensão:

As desigualdades de gênero e de raça são desafios duplos rumo a uma democracia mais inclusiva que contemple as demandas da população feminina negra. A mulher negra, em particular a quilombola, na trilha dos direitos e cidadania esbarra em uma série de empecilhos que as colocam como sujeitos de uma segunda ordem. Ainda que se insiram no âmbito da produção dos espaços públicos, quer seja no urbano ou no rural, não conseguem ultrapassar as barreiras construídas socialmente que as colocam somente como sujeitos dos espaços privados. Desse modo, as desigualdades não estão somente materializadas nas questões de ser homem ou ser mulher, mas também em uma questão étnico-racial (SILVA, 2016, p. 46).

O uso do termo étnico-racial designa, de acordo com Silva (2016, p. 47) “[...] que não se trata somente de sujeitos com cor de pele diferenciada, mas também com um contexto cultural diferenciado, que se legitima por constituírem um grupo social alimentado pelos seus aspectos históricos, sociais, culturais e políticos”.

O Quilombo Dona Juscelina se constrói a partir da figura de uma mulher negra e romeira que tem como aspecto cultural principal o Festejo da Abolição, uma herança familiar passada de geração em geração. Fica evidente que os desafios dessas mulheres são múltiplos. Os espaços privados que estas mulheres permeiam podem ser aqui entendidos como sendo o do seu cotidiano familiar e o público, como os espaços do quilombo, isso em uma escala da cidade de Muricilândia-TO. Em uma escala maior, regional e estadual/nacional, o privado pode se configurar como sendo o quilombo e o público sendo todos os outros espaços que estas mulheres se fazem presentes/protagonistas (OKIN, 2008).

Em todas as escalas, as mulheres negras enfrentam dificuldades para desempenharem seus papéis sejam atreladas ao sistema patriarcal, sejam atreladas ao racismo. Estar em diversos locais da estrutura social, de acordo com a filósofa Djamila Ribeiro (2017), é uma reivindicação pelo direito à própria vida, e nesse direito, ela conta a sua história e a história daquelas que vieram antes dela. Como salienta a cientista social Olivia Rangel Joffily (2010, p. 226), “possui valor histórico, social e cultural”.

Na obra “Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas”, a militante e ativista do movimento social negro e quilombola Selma dos Santos Dealdina afirma que:

Nos quilombos, os valores culturais, sociais, educacionais e políticos são transmitidos às e aos mais jovens pela oralidade. A mulher quilombola tem um papel fundamental na transmissão e na preservação das tradições locais; na manipulação das ervas medicinais, no artesanato, na agricultura, na culinária e nas festas. São as mulheres quilombolas que desempenham um papel central, estabelecendo vínculos de solidariedade e transmitindo experiências (DEALDINA, 2020, p. 37).

Sem nenhuma dúvida, os saberes e a preservação das tradições estão sendo transmitidos de uma mulher para a outra no Quilombo Dona Juscelina. Nesse sentido, podemos afirmar que na comunidade “cada mulher preta é um quilombo, é a resistência às mazelas que nos impõem todos os dias” (DEALDINA, 2020, p. 20).

O Festejo da Abolição rememora os acontecimentos do dia 13 de maio de 1888. No quilombo, festeja-se a liberdade após assinatura da Lei Auréa pela princesa Isabel. No próximo tópico, abordaremos as programações do referido festejo a partir de uma contextualização histórica, ao mesmo tempo, articulada às dimensões simbólicas e culturais desta festa na atualidade. Assim, evidenciamos o local de sua realização e também as narrativas femininas a respeito do mesmo.

13 DE MAIO – A MULHER, A MEMÓRIA E O FESTEJO

Dona Juscelina contribuiu de forma significativa para o crescimento do quilombo e da cidade de Muricilândia-TO. É um processo de construção duplo e, assim, o quilombo permeia entre o urbano e o rural. Em seus escritos, Oliveira (2018, p. 124) enfatiza que “a cidade de Muricilândia deve ser concebida como a maior expressão de territorialidade quanto quantitativamente e qualitativamente”.

É no espaço urbano que as manifestações culturais são espacializadas permitindo a construção de territórios e territorialidades. O Festejo da Abolição, de acordo com Santos (2018, p. 100) “foi o principal rito que proporcionou a certificação da comunidade como remanescentes quilombolas”.

Em uma conversa, a matriarca relata: “eu comecei o primeiro trabalho de minha comunidade foi em 68 (1968) com cem pessoas e eu hoje tô contando quatro mil pessoas” (Matriarca dona Juscelina, entrevista cedida em 05 de março de 2020). Entre uma narrativa e outra a matriarca vai relembrando os acontecimentos com maestria e riqueza de detalhes. O psicólogo Fernando Frochtengarten (2005, p. 374) aponta que “contar o passado envolve alguma organização das ideias, a nomeação das vivências e sua integração a outras representações”. Nesse sentido, a matriarca nos traz a seguinte contextualização:

Mas quem trouxe esse trabalho foi a Lucelina, e eu trouxe do Maranhão dado por meu tio, que eu sou neta de uma cativa e meu tio trabalhou de graça ainda e comemorava o dia 13 de maio que foi aquela acolá (direciona seu olhar para o quadro que está na parede da sala) a Princesa Isabel. Estou satisfeita do trabalho que ele me deu em 50 (1950) eu tinha 20 anos e tô contando meus 90. Nem toda vida inteiriço, quando morria um, nós somos ainda daqueles negro, eu sou ainda daquelas negra que tinha aquele sentimento quando morria um da família ficava com aquele sentimento e eu resguardava, (...). Aqui eu já entreguei, quando uma irmã minha morreu (...) (Matriarca dona Juscelina, entrevista cedida em 05 de março de 2020).

Compreendemos em sua fala toda a trajetória da festa vinda e herdada do Maranhão. Ela fala do respeito e da tradição do luto, daquela época, quando se perdia alguém da comunidade. Sobre as primeiras festas, a griô Cícera, que segundo a historiadora Laura Olivieri Carneiro de Souza (2012) o/a griô é compreendido/a e reconhecido/a como um/a guardiã da memória mais remota e ancestral, aborda em sua narrativa aspectos de como tudo acontecia:

[...] a gente era de dentro da festa, da comemoração, a minha irmã ainda foi ser uma princesa ainda, e aí naquela época aí arrumava a princesa em casa, aí vinha aqueles pessoal, aí trazia uma mesa, forrava aquela mesa, aí a gente fazia um leque de papel, e aí fazia aqueles enfeite, aquelas coisa no cabelo e a princesa se abanava sabe, era uma princesa mesmo (ênfase em sua voz), aí vinha aquela multidão buscar a princesa, aí pegava a princesa e botava em cima da mesa aí um pessoal carregava sabe, aquele vestido branco, todo enfeitado, foi muito bonito. As festas da dona Lucelina toda vida, quando ela começou que nós participava foi na humildade, que nós não tinha recurso de nada, nada. Pra enfeitar a roupa da princesa e fazer as faixa, fazer a coroa era com aqueles papel de fumo, aquelas carteira de cigarro que dentro tem uns papel brilhoso, pois era aquilo alí que a gente fazia as faixa, fazia a coroa, fazia o leque, enfeitava o vestido com aqueles papel de balinha, era uns papel de balinha assim vermelho, a gente fazia aqueles lacim, enfeitava, era muito bonito, eu

achava lindo! (Griô Dona Cícera, 69 anos, entrevista cedida em 20 de outubro de 2020).

Uma narrativa com grande riqueza de detalhes que nos permite visualizar como e quando tudo iniciou na comunidade. Infelizmente, no dia 04 de março de 2021, a griô Cícera Vieira de Almeida faleceu na cidade de Araguaína-TO.

Essa organização se dá na frente da casa da matriarca que também é a sede da Associação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina - ACQDJ (OLIVEIRA, 2018) com a colocação de tendas para a realização das atividades que compõem o Seminário de Cultura Afro-Brasileira e Quilombola e, posteriormente, o teatro a céu aberto.

Em 2019, ano que antecedeu a pandemia da Covid-19, ocorreu a 46ª edição do festejo e o VII Seminário de Cultura Afro-Brasileira e Quilombola, tendo como tema: “Protagonistas de sua História”. O Seminário de Cultura Afro-Brasileira e Quilombola conta com atividades de cunho acadêmico nos quais estudantes quilombolas, professores/as convidados/as, entre outros, fazem exposições de suas pesquisas e/ou experiências em mesas redondas e espaços de diálogos. Dentro da programação, realiza-se também oficinas com o público presente na intenção da troca de saberes entre a comunidade quilombola e as pessoas que ali estão.

Figura 1 – Conselho de Griôs na UFT - Campus Araguaína (2019).



Fonte: SOUSA, E. (2019).

Na edição do ano de 2019, o festejo teve seu início no dia 10 de maio na Universidade Federal do Tocantins – campus Araguaína com a presença de parte do Conselho de Griôs (figura 1) em um momento de abertura no meio acadêmico e um convite para estar presente também na comunidade, promovendo uma interlocução entre saberes acadêmicos e científicos.

Na figura 1, observamos na composição da mesa disposta da seguinte forma, iniciando pelo lado esquerdo, a presença da griô Cícera Vieira de Almeida, seguida da matriarca e griô Lucelina Gomes dos Santos - dona Juscelina, o griô Manoel Pereira Borges, a griô Rosa Mírtes Pereira de Souza e o líder quilombola Manoel Filho Borges.

Nos dias 11 e 12, foram realizados os debates referentes à programação do seminário. No dia 13, um feriado municipal, a festividade começa por voltas das 4 horas da madrugada com a realização da alvorada no qual um grupo de quilombolas, principalmente composto por mulheres, sai pelas ruas da cidade em um percurso específico com o grupo de percussão da comunidade anunciando a alegria que será celebrada durante todo o dia. Este é o dia de celebração da liberdade. No ritual do festejo, a abolição da escravatura no Brasil é representada pela assinatura da Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel.

Figura 2 – Teatro da Abolição a céu aberto (2019).



Fonte: SOUSA, E. (2019).

No fim da tarde, por voltas das 16 horas, acontece em frente à casa da matriarca o Teatro da Abolição que é realizado a céu aberto (figura 2). Santos (2018, p. 174) destaca que “o teatro a céu aberto é um ritual, pois, assim como em 1888 houve uma preparação, da mesma forma a encenação se faz”.

Observamos no canto inferior esquerdo uma mesa e algumas cadeiras representada a família real, no canto inferior direito têm as/os negras/os que participam da encenação, seguidos do grupo de percussão coordenado pela quilombola Betânia Vieira da Silva, depois o grupo de dança Negras Mariamas, vestidas de blusas verdes e saias longas, depois temos a encenação de um pé de coco babaçu e ao seu lado esquerdo temos o tronco que consta a data de chegada de dona Juscelina em Muricilândia-TO.

Sendo este um ritual que encena o acontecimento da assinatura da Lei Áurea em 1888, compreendemos na foto a presença de símbolos que constroem a identidade da comunidade como podemos observar em Santos (2017). Uma identidade que é construída através da referência e conquista por um território tanto simbólico quanto concreto (HAESBAERT, 1999).

A quilombola Monaliza Borges de Almeida foi princesa em edições passadas e esteve presente neste teatro a céu aberto por mais de uma vez. Em sua narrativa, a jovem quilombola fala de suas experiências e aprendizados ao exercer esse papel.

Pra ela (matriarca) a princesa tem essa imagem muito positiva de benfeitora e tal, então é ela que vai escolher a princesa, ela tinha o cuidado assim de quem ela ia escolher, então acaba que pra quem é escolhida chega a ser uma honra a dona Juscelina ir convidar você pra ser a princesa. Não lembro se foi a primeira ou a segunda vez que eu fui que acabou que até a dona Juscelina ficou zangada comigo porque tem uma questão que o vestido tem que ser branco, porque ele tem que representar toda a pureza, quando ela vai escolher ela escolhe moças virgens [...]. É vestido de festa alugado e não achei um vestido branco que me agradasse, que desse, que ficasse bom e acabei escolhendo um vestido que ele era um begezinho e minha tia foi rainha nesse tempo, nesse mesmo dia e ela escolheu um vestido vermelho pra rainha porque geralmente é branco pra princesa e um tonzinho de amarelo pra rainha, aí tava lá eu com esse vestido nude e a tia com o vestido vermelho. Quando a dona Juscelina viu, ela quase morre do coração [...]. E aí da outra vez que eu fui, eu já fui com o vestido totalmente branco. (Protagonista Monaliza, 23 anos, entrevista cedida em 23 de outubro de 2020).

Desse modo, entendemos como ocorre o processo de escolha da rainha, no qual o mesmo é realizado pela matriarca da comunidade e fica evidente que há uma tradição a ser seguida e respeitada. Na figura 3, podemos constatar o relato da protagonista referente às vestimentas da rainha e da princesa.

Figura 3 – Família Real durante o Teatro da Abolição a céu aberto – 46º Festejo (2019).



Fonte: SOUSA, E. (2019).

Nos anos de 2020 e 2021, devido a pandemia de Covid-19, não houve a realização da festividade do 13 de maio com a presença do público externo. No entanto, a comunidade, na liderança da matriarca dona Juscelina e do Conselho de Griôs, por meio de plataformas digitais e em parceria com instituições e grupos de pesquisa realizou uma *live* no dia 13 de maio intitulada “13 de maio: novas estratégias de resistência” com mediação do prof. Dr. Dernival Venâncio Ramos Júnior/UFT e da liderança jovem quilombola Ludimila Carvalho dos Santos. A *live* teve início às 19 horas da noite pela plataforma digital *instagram* na página @afrikanidade¹.

Em 2022, seguindo os cuidados e protocolos de biosegurança, ocorreu o 49º Festejo da Abolição. As informações a respeito da programação e realização são apresentadas no tópico seguinte.

¹ Endereço da página: <https://instagram.com/afrikanidade?igshid=u8goqbg0s92t>.

“MINHA HISTÓRIA NÃO É DE TER FIM” – LEMA DO 49º FESTEJO DA ABOLIÇÃO DE 2022

No dia 03 de julho de 2021, Lucelina Gomes dos Santos/dona Juscelina – matriarca e griô da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO, faleceu na cidade de Araguaína-TO. Ela não é protagonista só de sua história, é de toda uma comunidade, uma cidade. Dona Juscelina deixa um legado, uma memória e uma tradição para toda a comunidade e região. Deixa sua herança familiar para que outras e outros possam continuar e assim acontece.

O 49º Festejo da Abolição e VIII Seminário de Cultura Afro-Brasileira e Quilombola ocorreu entre os dias 12 e 14 de maio de 2022 no Quilombo Dona Juscelina. Esta edição teve como tema “Força Matriarcal Quilombola: ancestralidade e memória”, e como lema “Minha história não é de ter fim” (Dona Juscelina).

O festejo contou com a realização de apresentações culturais; mesas-redondas; lançamento do canal “A Voz dos Comuns” e do episódio especial “Griô Cícera, trajetória de vida e memória” do PodCast Vizinhar do Projeto dos Comuns; pré-estreia do filme nacional “Pureza”, dirigido por Renato Barbieri; lançamento do livro “Guerreiras Populares Quilombolas”; pré-estreia do filme documentário “Quilombo Dona Juscelina: memórias e resistências” dirigido por Plábio Marcos Martins Desidério; e shows para a população.

No dia 13, em uma conversa com Ludimila Carvalho dos Santos - jovem griô aprendiz do Quilombo Dona Juscelina, uma liderança quilombola da comunidade que cursa Direito na Faculdade Católica Dom Orione em Araguaína-TO - ela nos contou um pouco como foi à organização do festejo após o falecimento da matriarca e também no contexto da pandemia.

O Quilombo Dona Juscelina ainda é uma comunidade enlutada com a dor da saudade, porém essa dor que eles próprios nos ensinaram a transformar em resistência. Então seria inadmissível dentro das condições sanitárias que nos é permitido não fazer o festejo porque era vontade de dona Juscelina principalmente, porque a festa é dela, uma herança dela e ela nos proporcionou comungar dessa festa e realizar junto com ela. Na última alvorada ela até colocou que a festa não podia parar e possivelmente já colocando como uma possibilidade da falta dela. (Protagonista Ludimila, 19 anos, entrevista cedida em 13 de maio de 2022).

Fica evidente a preocupação e a responsabilidade que a comunidade assume em dar seguimento a festa que foi trazida pela matriarca quilombola. Nesse relato, percebemos a preocupação de dona Juscelina referente à continuidade desse festejo. É uma organização que mobiliza todo o quilombo e, principalmente, as mulheres.

Ludimila evidencia também o compromisso do presidente da associação Manoel Filho e nos diz que *“o presidente atual que era muito próximo de dona Juscelina e é um dos companheiros que nós temos um diálogo muito próximo e um companheirismo realmente na luta pelo legado, pela ancestralidade, pela nossa sobrevivência enquanto comunidade”* (Protagonista Ludimila, 19 anos, entrevista cedida em 13 de maio de 2022).

Nos relatos, fica claro que as dificuldades no mundo patriarcal são latentes, mas que atualmente as lideranças femininas da comunidade não enfrentam essa imposição de hierarquia por parte do presidente. Cabe ressaltar que o atual presidente era o vice-presidente de dona Juscelina nas últimas eleições e, após o seu falecimento, ele assumiu o cargo de presidente tendo uma *“responsabilidade tremenda”*, como diz a jovem quilombola. Ela afirma que:

Festejar o Festejo da Abolição sem dona Juscelina é com certeza festejar o festejo sem uma parte central principal dele que era nossa matriarca. Ainda é muito doloroso pra gente festejar sem a presença física de dona Juscelina, porém ela nos ensinou que ela sempre estaria presente, mesmo que de outro plano a presença dela no Festejo da Abolição seria irrevogável. (Protagonista Ludimila, 19 anos, entrevista cedida em 13 de maio de 2022).

A matriarca pode não estar presente fisicamente, mas está em ancestralidade, memória e ensinamentos. Todas e todos têm o compromisso de continuar com a festa.

O Teatro da Abolição que aconteceu na tarde do dia 13 em frente ao Memorial Lucelina Gomes dos Santos, onde a matriarca residia, teve um diferencial histórico nesta edição. A figura da princesa e da rainha sempre foram encenadas por jovens quilombolas de pele clara como podemos observar na figura 3 do tópico anterior. Mas nesse ano, mudanças ocorreram.

Pela primeira vez na história da comunidade, há 49 anos, e principalmente em dias tão conflituosos de questão desse racismo escancarado estrutural que nós enfrentamos, nós teremos uma princesa e uma rainha, a figura da princesa Isabel e a figura da Teresa Cristina, com duas personagens negras, duas

quilombolas negras jovens da comunidade e que foram nomeadas, escolhidas por dona Juscelina, que sou eu que vou ser a rainha Teresa Cristina e a Estefani Barbosa que será a princesa Isabel. (Protagonista Ludimila, 19 anos, entrevista cedida em 13 de maio de 2022).

A matriarca da comunidade quilombola se antecipa aos acontecimentos. Como já relatado, parecia sentir que o seu tempo neste plano estava se esvaindo e então organiza os detalhes para o próximo ano do festejo. Nos bastidores, conversando com a princesa Estefani Barbosa, ela diz que desde criança sonhava com o dia em que seria a princesa daquela festa, e isso agora estava acontecendo mesmo tendo a cor da pele mais retinta que as princesas dos anos anteriores (Figura 4).

Figura 4 – Rainha e Princesa do 49º Festejo da Abolição (2022).



Fonte: SOUSA, E. (2022).

Essa mudança deixada em vida por dona Juscelina provoca uma mudança na realidade das jovens da comunidade e, principalmente, das crianças que estão crescendo e acompanhando as mudanças. Um dia, elas também poderão ser rainhas e princesas do Festejo da Abolição do Quilombo Dona Juscelina, como enfatiza a jovem Ludimila: *“nós iremos quebrar esse paradigma que só as meninas de pele mais clara*

poderão ocupar esse papel. Então nós teremos duas negras retintas assinando a Lei Áurea e assim abrindo precedentes pra nossas crianças que sempre sonharam em um dia ocupar esse papel” (Protagonista Ludimila, 19 anos, entrevista cedida em 13 de maio de 2022).

As gerações futuras, crianças e jovens, estão presentes nas atividades da comunidade. São ensinadas desde cedo sobre sua identidade, ancestralidade e cultura. No *instagram*, através da página @quilombodonajuscelina² e do recurso “destaques” podemos acompanhar uma diversidade de fotos e vídeos do festejo e constatar a presença indispensável e louvável dos jovens e das crianças do quilombo, como também da população da cidade de Muricilândia-TO.

São os saberes e fazeres sendo repassados de geração para geração. A perpetuação das tradições da família de dona Juscelina desde o Maranhão até o norte do Tocantins.

O enraizamento que a comunidade alcança através das narrativas e lembranças do passado apontadas por Weil (1996) permitem a construção de uma identidade cultural, principalmente feminina, quilombola atreladas à construção do território (HAESBAERT, 1997; BONNEMAISON, 2002) e aos enfrentamentos nos espaços cotidianos (SILVA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, principalmente aquelas que estão diretamente envolvidas na organização e realização do Festejo da Abolição, são protagonistas de muitos saberes e têm grande poder de decisão dentro desse espaço.

Acompanhamos através da trajetória de dona Juscelina a construção de todo um território na cidade de Muricilândia-TO. A própria cidade é parte desse território. E nesse espaço, o quilombola e o não quilombola acompanham e vivenciam a construção da identidade do homem e da mulher, do adulto e do jovem através da celebração e respeito pela memória ancestral daqueles que vieram antes delas e deles.

² Endereço da página: <https://www.instagram.com/quilombodonajuscelina/>.

Nesse sentido, as transformações sociais e culturais presentes dentro do Teatro da Abolição dão prosseguimento aos ensinamentos de dona Juscelina preservando o tradicional e dando possibilidade para transformações modernas e necessárias nas estruturas da comunidade e na sociedade. Os enfrentamentos atrelados às questões de gênero, classe e étnico-raciais são latentes e as protagonistas os inscrevem com novas e necessárias perspectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, vol. II, 2002. p. 279-304.

BONNEMAISON, Joël. **La Géographie culturelle**. Paris: Éditions du CTHS, 2000.

BRASIL. Art. 13 (ADCT), 5 de outubro de 1988. É criado o estado do Tocantins, pelo desmembramento da área descrita neste artigo, dando-se sua instalação no quadragésimo sexto dia após a eleição prevista no § 3º, mas não antes de 1º de janeiro de 1989. Disponível em:
<https://www.stf.jus.br/portal/constituicao/artigoBd.asp?item=2150#:~:text=A%20cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20Estado%20do%20Tocantins%20deu%2Dse%20com%20a,13>. Acesso em: 24 de junho de 2022.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

DEALDINA, Selma dos Santos (Org). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, São Paulo, Sept./Dec. 2005, p. 367-376.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In. ROSENDAHL, Z e CORRÊA, R. (Orgs). **Manifestações da Cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**. Niterói-RJ: Editora da UFF, 1997.

JOFFILY, Olivia Rangel. O corpo como campo de batalha. In: PEDRO, Joana Maria; WOLF, Cristina Scheibe. **Gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 225-245.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, mai./ago. 2008.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de. **Território e Territorialidade nos Limites do Rural e Urbano na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – TO**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. Araguaína: UFT, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, Geilza da Silva. Mulheres Quilombolas: Território, pertencimento e identidade na Comunidade Negra Senhor do Bonfim - Areia-PB. **XI Encontro Regional Nordeste de História Oral**. Ficção e Poder: oralidade, imagem e escrita. Fortaleza-CE, 2017.

SANTOS, Katiane da Silva. **DO PASSADO AO PRESENTE: A Festa da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. Araguaína: UFT, 2018.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SILVA, Raimunda Patrícia Gemaque da. **O Lado Feminino do Quilombo: o território quilombola sobre o enfoque de gênero nas comunidades de Boa Vista e Moura, em Oriximiná-PA**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Velho/RO: UNIR, 2016.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos: identidade e história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

WEIL, Simone. O enraizamento. Em **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Antologia organizada por Ecléa Bosí. 2. ed. ver. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996, p. 411-412.

WEIL, Simone. O desenraizamento operário. Em **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Antologia organizada por Ecléa Bosí. 2. ed. ver. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996, p. 413-440.

Elaine da Silva Sousa - Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal do Goiás (PPGEO/IESA/UFG). Especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Espírito Santo (DocenteEPT/CEFOP/IFES). Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins - Campus Porto Nacional (PPGG/UFT). Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins - Campus Araguaína. Integrante do Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-Raciais e Espacialidades (LAGENTE/UFG). Participante do grupo de estudos Espaço e Diferença (LAGENTE/UFG).

Recebido para publicação em 05 de dezembro de 2022.

Aceito para publicação em 18 de dezembro de 2022.

Publicado em 05 de março de 2023.